

NARRATIVAS MULTIMODAIS EM LIBRAS: LITERATURA INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO DE LEITURA ENTRE SURDOS

Taynan Alécio da Silva¹
Giovana Cristina de Campos Bezerra²
João Paulo Francisco Azevedo³

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2025.v18.49583>

RESUMO: O artigo examina o papel da literatura infantil em Libras como ferramenta para o crescimento de habilidades de leitura entre crianças surdas. Pela análise de histórias multimodais que unem partes visuais, gestuais e textuais, discute-se como estas obras ajudam na inclusão linguística e cultural, respeitando as particularidades da comunidade surda. Pensando que a obtenção da língua escrita por crianças surdas tem desafios específicos, a livraria em Libras surge como um recurso de ensino potente, capaz de mediar o acesso à leitura por meio da Línguas de Sinais. O estudo também fala sobre ideias da edição tecnológica que aumentaram a criação e o movimento dos livros acessíveis, contribuindo para a formação de leitores críticos e independentes. Pensando sobre os afetos dessas histórias na criação da identidade surda e no apoio à educação bilíngue, o artigo mostra caminhos para uma prática literária mais inclusiva e atenta às muitas formas de se expressar.

Palavras-chave: acessibilidade; educação bilíngue; infância; libras; literatura surda.

MULTIMODAL NARRATIVES IN LIBRAS: CHILDREN'S LITERATURE AND READING DEVELOPMENT AMONG DEAF PEOPLE

ABSTRACT: This article examines the role of children's literature in Libras as a tool for developing reading skills among deaf children. Through the analysis of multimodal stories that combine visual, gestural, and textual elements, it discusses how these works contribute to linguistic and cultural inclusion, respecting the particularities of the deaf community. Considering that acquiring written language for deaf children presents specific challenges, the Libras library emerges as a powerful teaching resource, capable of mediating access to reading through sign language. The study also discusses ideas concerning technological edition that have increased the creation and movement of accessible books, contributing to the development of critical and independent readers. By considering the impact of these stories on the development of deaf identity and supporting bilingual education, the

¹ Doutorando e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, Brasil. E-mail: nanalecio@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8771-0766>.

² Doutoranda em Estudos Linguísticos e Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará, Brasil. E-mail: arlgini.campos4@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4291-6174>.

³ Mestrando em Science in Emergent Technologies in Education, Estados Unidos. E-mail: jp.azevedo2015@gmail.com.

article points to paths toward a more inclusive literary practice that is attentive to the many forms of self-expression.

Keywords: accessibility; bilingual education; childhood; deaf literature; libras.

Introdução

A literatura infantil, como prática cultural de falar e fazer, constitui um dos principais suportes na formação de leitores e na construção de trajetórias de vida desde os primeiros anos. Contudo, quando se trata da população surda, em grande parte crianças em processo inicial de aprendizagem da leitura e da escrita, os obstáculos relativos à aquisição da linguagem escrita e à participação plena no universo literário exigem metodologias específicas, capazes de refletir as particularidades linguísticas, cognitivas e culturais dessa comunidade. Nesse contexto, as histórias narradas em diferentes formatos na Libras (Língua Brasileira de Sinais) configuram-se como um recurso técnico e visual que amplia o acesso à leitura, ao articular múltiplas linguagens visuais, gestuais, textuais e sonoras e proporcionar uma experiência literária inclusiva e significativa.

A multimodalidade, entendida como a união de vários meios semióticos na criação do sentido, é um conceito chave para entender a forma e a função das histórias em Libras. Segundo Oliveira (2019), a comunicação moderna é cada vez mais multimodal, usando não só palavras, mas também fotos, sons, gestos e movimentos. No caso da literatura infantil para crianças surdas, essa forma deixa que o texto literário seja vivido de um jeito que envolve os sentidos, expandindo as chances de interpretação, fruição estética e interesse mental. A presença da língua de sinais como base da história não só respeita a identidade linguística da criança surda, como exalta o corpo e o gesto com partes importantes da linguagem artística.

A aquisição da leitura por crianças surdas é um processo que envolve múltiplas mediações, especialmente no que diz respeito à relação entre a Língua de Sinais, adquirida como primeira língua, e a língua portuguesa escrita, configurada como segunda língua. Segundo Quadros e Schmiedt (2006), a Língua de Sinais constitui a base para o desenvolvimento da linguagem escrita, sendo fundamental que a criança surda tenha acesso a práticas de letramento que partam de sua língua natural. Nesse sentido, a literatura infantil em Libras não deve ser concebida apenas como tradução de obras escritas, mas também como produção original que respeite os modos de significação próprios da comunidade surda, incorporando elementos visuais, espaciais e gestuais que dialogam com a experiência perceptiva e expressiva da criança. Ainda assim, é relevante reconhecer que as traduções de obras originalmente publicadas em português para Libras também representam uma importante fonte de conhecimento e de acesso ao patrimônio cultural amplamente difundido. Dessa forma, ao mesmo tempo em que se valoriza a criação de obras originais em Libras ou em escrita de sinais, não se deve excluir a relevância das traduções e adaptações, que igualmente ampliam as possibilidades de inclusão literária e social.

Narrativas multimodais em Libras têm se constituído em formatos que integram vídeo, animação, ilustração e performances em Línguas de Sinais, criando espaços narrativos que favorecem o entendimento e a interação. Essas produções permitem que a criança surda se aproxime do conteúdo literário de maneira dinâmica, estimulando o desenvolvimento de habilidades de leitura, como inferir, antecipar, interpretar e apreciar esteticamente. Além disso, tais histórias contribuem para o fortalecimento da identidade surda ao reconhecer e valorizar a Línguas de Sinais como meio legítimo de expressão linguística e cultural.

Com o aumento das tecnologias digitais e das mídias interativas, principalmente depois do século 20, apareceram novas maneiras de fazer e compartilhar livros acessíveis. Aplicativos, sites, vídeos e lugares virtuais têm sido usados para fazer histórias infantis que juntam Libras, desenhos e recursos visuais, ampliando o alcance e a diversidade das leituras entre crianças surdas. Essas ideias ajudam a tornar a leitura mais acessível para todos; além disso, apoiam práticas pedagógicas mais inclusivas e atentas às necessidades do uso da Libras como primeira língua da comunidade surda. A literatura infantil em Libras contada por equipamentos digitais favorece a autonomia do leitor surdo, permitindo com que ele interaja com o texto de forma mais ativa e personalizada, além de permitir a participação familiar e escolar no processo de leitura.

A produção literária em Libras, especialmente para crianças, deve ser guiada por: regras de facilidade para usar o suporte; representação; e beleza artística. É muito importante que essas obras sejam feitas de uma forma que leve em conta duas línguas e duas culturas, que aceite a Línguas de Sinais como a primeira língua da criança surda, e dê valor a sua cultura como parte importante da aprendizagem. Além disso, é preciso incentivar a feitura de histórias novas em Libras que mostrem as vivências, os valores e as ideias da comunidade surda, evitando a reprodução de formas narrativas que focam só na produção oral ou na escrita. A literatura infantil em Libras deve ser vista como lugar criativo e capaz de aumentar os limites da produção literária e de trazer diálogo entre várias maneiras de se expressar.

A colocação da leitura infantil em Línguas de Sinais nas escolas também exige mudanças nas formas de ensinar e na preparação de professores. É fundamental que os educadores estejam aptos a lidar com narrativas multimodais, compreendendo as regras da Línguas de Sinais e as especificidades da leitura em ambientes surdos. A formação docente deve incluir conhecimentos de linguística da Libras, cultura surda, multimodalidade e recursos digitais, além de promover uma postura ética e acolhedora diante da diversidade linguística e cultural dos alunos. A literatura infantil em Língua Brasileira de Sinais pode ser utilizada tanto como ferramenta didática quanto como objeto de estudo, favorecendo a construção de espaços mais justos e inclusivos para a aprendizagem.

As histórias produzidas em diferentes formatos na Línguas de Sinais representam uma inovação significativa no campo da literatura infantil. Elas favorecem práticas de leitura inclusivas, atentas e esteticamente ricas. Ao reconhecer a Línguas de Sinais como forma legítima de expressão literária, tais criações contribuem para a valorização da comunidade surda e para a ampliação das possibilidades de aprendizagem bilíngue. Essa produção literária, ao integrar elementos multimodais, amplia as formas de interação das crianças com o texto e

fortalece o desenvolvimento da leitura, ao mesmo tempo em que promove o reconhecimento da identidade surda em uma sociedade plural e em constante transformação.

1. A Multimodalidade como Fundamento das Narrativas em Libras

A compreensão da Libras (Língua Brasileira de Sinais) como uma língua visual-espacial estruturada por parâmetros próprios exige uma abordagem que considere sua natureza essencialmente multimodal. A multimodalidade, entendida como a articulação simultânea de diferentes modos semióticos na construção do sentido — como imagem, gesto, movimento, espaço e expressão facial —, é um aspecto constitutivo da Libras. No campo da literatura, esse caráter multimodal adquire relevância ainda maior, pois permite articular narrativas em duas línguas (Libras e português escrito), ampliando as possibilidades de significação e de acesso ao texto literário. Assim, a análise das narrativas em Libras, especialmente no contexto contemporâneo marcado pelas culturas de massa, mídias digitais e processos expandidos de narratividade, deve reconhecer que a multimodalidade não é apenas um recurso estilístico, mas um fundamento para a experiência literária bilíngue e inclusiva.

Assim, a Libras, por meio de seu aparato visual-gestual, estabelece formas de narrativa que desafiam as lógicas lineares da escrita alfabética, propondo uma organização espaço-temporal da linguagem que opera simultaneamente em múltiplos níveis. Esse aspecto é descrito na literatura linguística como simultaneidade, característica que permite a articulação de sinais em paralelo combinando configurações de mão, expressões faciais, movimentos e uso do espaço, em contraste com o caráter sucessivo e linear da escrita alfabética. Para esses autores, “os modos não são simplesmente diferentes formas de expressar o mesmo conteúdo, mas constituem diferentes maneiras de estruturar o mundo” (Miguel, 2023, p. 83).

No caso das narrativas em Libras, a multimodalidade manifesta-se não como um recurso auxiliar, mas como princípio constitutivo da língua. Elementos como expressão facial, uso do espaço, direção do olhar, velocidade dos sinais e postura corporal são componentes gramaticais e narrativos, responsáveis por marcar tempo, aspecto, afetividade e estruturação de enunciados (Quadros; Karnopp, 2004). Tais elementos operam de forma integrada, conferindo à Libras uma complexidade semiótica que exige do sujeito surdo não apenas a articulação dos sinais manuais, mas o domínio de um corpo narrador plenamente envolvido no ato comunicativo.

Nesse sentido, é pertinente compreender que a multimodalidade em Libras transcende a simples simultaneidade de canais comunicativos. Trata-se de um regime semiótico que reorganiza os modos de narrar e compreender o mundo, instaurando uma estética própria da experiência surda. Segundo Silva (2021, p. 45), “a Libras constitui-se em uma língua que depende de múltiplos recursos expressivos, os quais não são apenas acessórios, mas fundamentais para a construção do sentido e da textualidade visual”. A narrativa em Libras é, assim, uma prática de linguagem que acontece no corpo-em-movimento, demandando a inscrição de sentidos em uma tridimensionalidade espaço-temporal que desloca o eixo da linguagem fonocêntrica.

Essa característica torna-se ainda mais visível quando analisamos performances narrativas em Libras que circulam em ambientes digitais e audiovisuais, como vídeos em redes sociais, filmes com protagonistas surdos e produções artísticas visuais. Nesses contextos, a presença da câmera, da edição e da montagem interagem com a própria lógica multimodal da Libras, intensificando a polissemia e a complexidade da narrativa visual. Como afirma Bauman (2003), no contexto da performance surda, a narrativa em Línguas de Sinais se aproxima da performance teatral e do cinema visual, por compartilhar com essas formas artísticas o uso expressivo do corpo, da espacialidade e da iconização como formas de significar.

É necessário, portanto, reconhecer que as narrativas em Libras não se limitam à tradução de conteúdos originados na oralidade ou na escrita. Pelo contrário, elas instituem modos originais de narrar que questionam paradigmas tradicionais e oferecem contribuições significativas para os estudos da linguagem, da literatura e da comunicação. A centralidade do corpo, a simultaneidade dos sinais e a construção icônica do significado remetem à noção de “narrativa visual encarnada”, termo proposto por Nascimento e Magalhães (2025), para descrever a especificidade da composição narrativa em línguas de sinais. Para as autoras, “a narrativa em Línguas de Sinais envolve a dramatização do enunciado, onde o narrador encarna personagens e contextos por meio de uma gestualidade espacializada e altamente expressiva” (Nascimento e Magalhães, 2025, p. 33).

A multimodalidade aparece não como uma adaptação às limitações da ausência da oralidade, mas como um campo semiótico potente que possibilita modos outros de representar, emocionar e construir conhecimento. Esse entendimento se alinha à perspectiva crítica da surdez como diferença linguística e cultural, em contraposição ao modelo clínico-patológico, o qual compreende a surdez prioritariamente como deficiência ou doença a ser corrigida, centrando-se em práticas de reabilitação e normalização do sujeito surdo e que, historicamente, marginalizou a experiência surda. A multimodalidade, nesse sentido, é também política: um campo de afirmação de subjetividades e narrativas que resistem ao silenciamento epistêmico das línguas minoritárias (Skliar, 1998).

Cabe ainda considerar a relevância da multimodalidade na formação de leitores e produtores de narrativas em Libras. No campo educacional, essa abordagem tem implicações didáticas fundamentais, pois aponta para a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem os diferentes modos de significação. Como aponta Fernandes (2006, p. 78), “o ensino bilíngue deve considerar a especificidade da Libras como língua de instrução, valorizando suas estratégias visuais e espaciais de construção do conhecimento”. Isso significa investir na formação de professores bilíngues, na produção de materiais pedagógicos visuais e na integração das tecnologias digitais como mediadoras de narrativas multimodais.

Por fim, é preciso destacar que a multimodalidade como fundamento das narrativas em Libras insere essa língua em um horizonte estético e epistemológico que dialoga com os desafios contemporâneos das mídias e das culturas expandidas. Em um mundo saturado de imagens, sons, vídeos e performances interativas, a Libras apresenta-se como uma forma de expressar a linguagem plenamente compatível com a lógica hipermidiática. Sua estrutura visual-espacial se alinha aos recursos do vídeo, da animação, do design gráfico e das

plataformas digitais de comunicação, permitindo uma articulação crítica entre cultura surda e cultura de massa. Conforme propõe Santaella (2005), a contemporaneidade exige novas formas de letramento que abarquem os multiletramentos e a competência semiótica em diferentes linguagens; tarefa em que a Libras pode se destacar como paradigma de um letramento visual expandido.

Dessa maneira, a multimodalidade deixa de ser apenas uma característica da Libras para tornar-se seu fundamento estruturante, atravessando a produção narrativa, a prática educacional, a criação estética e a circulação midiática. Reconhecer e aprofundar esse fundamento é contribuir não apenas para os estudos linguísticos e culturais da surdez, mas também para uma crítica mais ampla das linguagens contemporâneas e das formas de produção de sentido no século XXI.

3. Literatura Infantil em Libras e o Desenvolvimento de Habilidades de Leitura

A literatura infantil tem um papel importante na formação de habilidades linguísticas, cognitivas e culturais de crianças que estão aprendendo a ler. No entanto, no caso da surdez, o acesso à leitura precisa ser mudado por meio de práticas bilíngues com ênfase na Libras como primeira língua, e o português escrito como segunda. Essa ideia implica que as aquisições de aptidões de leitura por crianças surdas são muito ligadas ao desenvolvimento completo da Libras desde a infância, visto que essa é a língua natural da comunidade surda no Brasil.

A leitura, vista como um processo de fazer sentido, vai além da simples decifração de sinais escritos, pedindo um grupo de palavras, significados e formas de falar já estruturado. Em crianças ouvintes, esse grupo começa sendo feito pela fala oral. Para as crianças surdas, é muito importante que esse processo comece pela Línguas de Sinais, que ajuda a criar um pensamento simbólico e abstrato igual ao das crianças ouvintes (Quadros; Karnopp, 2004, p. 47). A literatura infantil em Libras, portanto, desempenha papel de mediação significativa para o acesso à leitura, pois permite o contato precoce com narrativas visuais, signos culturais e estruturas discursivas.

A produção de literatura infantil em Libras vem se ampliando nas últimas décadas, impulsionada por movimentos culturais surdos e políticas públicas voltadas à inclusão. Essa produção pode ocorrer em diferentes formatos: vídeos bilíngues, livros digitais com janela de Libras, aplicativos interativos e performances de contação de histórias em Libras. Cada um desses formatos opera como ponte entre a criança surda e o universo literário, ressignificando o papel da leitura na formação subjetiva e linguística.

Autores como Lacerda e Santos (2013) destacam que a literatura em Libras permite que a criança surda desenvolva “competências textuais, discursivas e críticas por meio de sua primeira língua, o que favorece a posterior compreensão de textos em língua portuguesa” (Lacerda; Santos, 2013, p. 65). Dessa maneira, a inserção da criança surda no universo da literatura infantil em Libras é não apenas um direito linguístico e cultural, mas uma estratégia fundamental para o sucesso educacional e o desenvolvimento das habilidades de leitura.

Nesse contexto, o papel da mediação pedagógica torna-se determinante. Professores bilíngues, intérpretes e contadores de histórias em Libras precisam estar preparados para atuar como facilitadores desse processo. A literatura em Libras não deve ser encarada como uma tradução do português, mas como uma produção autêntica e visualmente estruturada, com suas próprias características narrativas, temporais e espaciais. Como afirmam Fernandes e Silva (2017), “as narrativas visuais em Libras possuem uma gramática própria, que demanda a exploração do espaço tridimensional, da expressão facial e dos classificadores como elementos semânticos” (Fernandes; Silva, 2017, p. 89).

Tais elementos constituem uma estética narrativa distinta, que contribui para a formação do leitor surdo como sujeito crítico e produtor de significados. Ao utilizar a Libras como veículo de expressão literária, amplia-se o acesso da criança surda a valores culturais, tradições, mitos e moralidades, promovendo a formação de uma identidade surda positiva e fortalecida. Segundo Strobel (2009), o reconhecimento da surdez como diferença cultural implica valorizar a Libras como língua de instrução e de produção literária, e não apenas como instrumento de tradução (Strobel, 2009, p. 112).

A relação entre literatura infantil em Libras e desenvolvimento da leitura também pode ser analisada à luz da teoria sociointeracionista de Vygotsky (2001), que enfatiza a necessidade da fala como ajudante do pensamento. Para ele, “o pensamento cresce por meio das conversas sociais ajudadas pela língua” (Vygotsky, 2001). Nesse sentido, o acesso à literatura em Libras viabiliza a mediação cultural necessária para que a criança surda desenvolva estruturas cognitivas complexas e internalize os signos sociais por meio de sua língua.

A prática de leitura em Libras também contribui para o desenvolvimento da metalinguagem e da consciência textual. Em estudos empíricos conduzidos por Silva (2024), constatou-se que crianças surdas que tiveram acesso sistemático à literatura infantil em Libras apresentaram melhor desempenho na compreensão de narrativas em português escrito, quando comparadas a crianças privadas dessa experiência (Vales, 2024, p. 97). Os autores observam que essa melhoria se deve à construção de um repertório narrativo em Libras, que possibilita à criança surda estabelecer paralelos e inferências ao ler textos em português.

Contudo, persistem desafios consideráveis para a efetivação dessa prática. A escassez de materiais literários autênticos em Libras, a ausência de formação específica para professores e a desvalorização da cultura surda nas escolas ainda constituem barreiras. Como apontam Lima e Pereira (2021), “a produção de literatura infantil bilíngue no Brasil ainda é incipiente, e muitas vezes reduzida a adaptações simplificadas de livros em português” (Lima; Pereira, 2021, p. 72). Isso reforça a necessidade de políticas públicas que fomentem a criação de obras originais em Libras, com protagonismo de autores surdos e respeito às especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda. Embora programas como o Renafor (Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica) e outras iniciativas governamentais já prevejam ações voltadas à formação docente e à valorização da Libras, sua implementação ainda enfrenta entraves. Entre eles, destacam-se a falta de continuidade nas políticas educacionais, a insuficiência de financiamento específico para a produção literária em Libras,

a carência de formação especializada de professores e a limitada circulação das obras já produzidas, o que explica por que essa produção permanece incipiente e de difícil acesso.

Outro aspecto importante é a incorporação de múltiplas linguagens midiáticas no processo de leitura. Novas tecnologias podem ser empregadas para aumentar significativamente o acesso de crianças surdas à literatura escrita. Plataformas digitais de leitura que combinam Libras, imagens dinâmicas, legendas e componentes interativos têm demonstrado propensão a interessar os leitores a aprimorarem suas habilidades linguísticas. Silva (2023) explica que a multimodalidade das mídias digitais permite que crianças surdas participem de histórias narrativas, o que desencadeia múltiplos processos perceptivos e cognitivos (Basso, 2011, p. 21). A literatura infantil na plataforma Libras é parte integrante do processo de alfabetização de crianças surdas; essa plataforma permite que elas sejam expostas, desde o início de seu desenvolvimento, a estruturas narrativas, raciocínio simbólico e diversidade cultural. Sua influência é mais ampla do que simplesmente a capacidade de ler e promove o desenvolvimento da linguagem, da cultura e da cidadania. Para atingir esse potencial, é preciso investir dinheiro na formação de professores bilíngues, na criação de materiais acessíveis e na promoção da Libras como um meio legítimo de expressão de ideias culturais e literárias.

4. Tecnologias Digitais e a Expansão das Narrativas Literárias em Libras

A literatura, enquanto manifestação estética e cultural, não se restringe à palavra escrita ou falada oralmente, mas abrange múltiplas formas de expressão, incluindo as linguagens visuais, corporais e gestuais. Nesse sentido, a Libras, como língua visual-espacial da comunidade surda no Brasil, constitui um campo fértil para a expansão das narrativas literárias mediadas por tecnologias digitais. A integração entre Libras, literatura e tecnologia promove a emergência de novas formas de leitura, autoria e recepção literária, redimensionando o acesso, a experiência estética e a valorização da cultura surda.

As tecnologias digitais, especialmente no século XXI, têm potencializado o alcance das narrativas literárias em Libras ao propiciar suportes alternativos à escrita verbal, como vídeos, animações, plataformas interativas e redes sociais. Tais recursos oferecem à pessoa surda a oportunidade de acessar produções literárias em sua língua natural, com maior autonomia, protagonismo e reconhecimento cultural. De acordo com Skliar (2005, p. 99), “a surdez não deve ser compreendida apenas como uma limitação sensorial, mas como uma diferença linguística e cultural que precisa ser reconhecida e valorizada no espaço educativo e social”.

Historicamente, as práticas literárias foram marginalizadas do contexto da educação de surdos, devido à centralidade da oralidade e da escrita alfabética no currículo. No entanto, com o advento das tecnologias digitais e das políticas públicas voltadas à inclusão e à valorização das línguas de sinais, verifica-se um movimento crescente de produção e circulação de obras literárias em Libras. Essa transformação se concretiza, por exemplo, na produção de poesia visual, contação de histórias sinalizadas, performances literárias e reinterpretações de clássicos da literatura em Libras.

O uso de vídeos como suporte narrativo tem sido um dos principais meios de disseminação da literatura em Libras. Plataformas como YouTube, Instagram, TikTok e ambientes educacionais digitais se tornaram espaços de criação, partilha e recepção de conteúdos literários sinalizados. Essas mídias favorecem a construção de uma estética visual própria, em que elementos como expressão facial, movimento corporal, velocidade e espacialidade da sinalização constituem parte essencial da narrativa. Segundo Fernandes (2018, p. 67), “a literatura em Libras, ao apropriar-se das tecnologias digitais, inaugura novas possibilidades estéticas que transcendem a transposição da palavra escrita para o sinal, instaurando uma linguagem literária própria da cultura surda”.

Ademais, a interatividade proporcionada pelos recursos digitais permite a exploração de múltiplas camadas de significação, através da articulação entre imagem, sinal, legenda, trilha sonora e efeitos visuais. Essa abordagem multimodal amplia a experiência literária, sobretudo para crianças e jovens surdos em processo de escolarização bilíngue. Os objetos digitais de aprendizagem (ODAs) também têm sido utilizados como ferramentas pedagógicas para desenvolver a competência literária em Libras, contribuindo para o fortalecimento do letramento visual e da identidade surda. Conforme Moura (2020, p. 142), “os recursos digitais, quando utilizados com intencionalidade pedagógica, favorecem a imersão do estudante surdo em práticas literárias que respeitam sua língua e sua cultura, rompendo com a lógica da exclusão”.

Para melhor ilustrar a relação entre tecnologia e literatura em Libras, apresenta-se o Quadro 1, que sintetiza as principais formas de expressão literária em Libras, os recursos tecnológicos utilizados e seus impactos pedagógicos e culturais:

Quadro 1 – Expansão das Narrativas Literárias em Libras por Meio das Tecnologias Digitais

Forma Literária em Libras	Recursos Tecnológicos Utilizados	Impactos Pedagógicos e Culturais
Contação de histórias sinalizadas	YouTube, TikTok, aplicativos de leitura	Aproximação da criança surda do universo literário por meio da Línguas de Sinais
Poesia visual	Vídeos editados, efeitos visuais, <i>slow motion</i>	Exploração estética da Libras como linguagem poética
Releituras de clássicos literários	Plataformas educacionais, softwares bilíngues	Valorização do patrimônio literário brasileiro sob uma perspectiva surda
Performance literária sinalizada	Vídeo-performances, mídias sociais	Protagonismo do artista surdo e visibilidade da cultura surda
Literatura colaborativa em Libras	Blogs, fóruns, redes sociais	Construção coletiva de narrativas, interação e interculturalidade

Fonte: Elaborada pelos autores.

A emergência dessas novas formas de narrativa literária em Libras é também impulsionada pelo engajamento de artistas, professores, tradutores e pesquisadores surdos, que atuam como agentes de transformação cultural. Esse movimento coletivo contribui para o

fortalecimento da literatura surda, compreendida aqui como um campo de criação estética que reflete a vivência, os valores, as lutas e os modos de ser surdos. Em sintonia com isso, Lacerda (2021, p. 81) destaca que “a literatura em Libras deve ser entendida não apenas como uma adaptação de conteúdos, mas como uma produção cultural legítima, com identidade e estética próprias”.

A produção literária em Libras também desafia as estruturas tradicionais do cânone literário, ao propor uma nova matriz de compreensão da narrativa, na qual o corpo do narrador é elemento central do enunciado. A materialidade do corpo em movimento, a tridimensionalidade do espaço e a simultaneidade de informações sinalizadas configuram uma estética discursiva específica, distante da linearidade textual da escrita alfabética. Nessa perspectiva, a literatura em Libras instaura uma experiência imersiva e sensorial que subverte a lógica da dominação linguística e promove uma epistemologia visual.

O investimento em políticas públicas, formação docente bilíngue e desenvolvimento de tecnologias acessíveis é fundamental para a continuidade da expansão das narrativas literárias em Libras. Isso implica o reconhecimento da Libras como língua de criação e não apenas de tradução, além do estímulo à pesquisa, à produção editorial e à difusão de obras sinalizadas. A legislação brasileira, como a Lei nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005, já constitui um marco normativo importante, ao qual se soma a Lei nº 14.191/2021, que altera a LDB e estabelece a educação bilíngue de surdos como modalidade específica, reforçando a centralidade da Libras como primeira língua e do português escrito como segunda língua. Ainda assim, é necessário que tais dispositivos sejam acompanhados de políticas efetivas de fomento à cultura literária surda.

Conclui-se que a integração entre tecnologias digitais e literatura em Libras configura um campo em constante transformação e expansão, marcado por práticas inovadoras, resistência cultural e valorização da diversidade linguística. A produção literária em Libras não apenas amplia o repertório estético da literatura contemporânea, como também contribui para a construção de uma sociedade mais plural, inclusiva e democrática.

5. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas

A formação docente tem ocupado lugar de destaque nas discussões contemporâneas acerca da qualidade da educação, sobretudo no que tange à consolidação de práticas pedagógicas inclusivas que atendam à diversidade presente nas salas de aula. No contexto das múltiplas linguagens e das narrativas que permeiam a cultura de massa e os meios midiáticos do século XX e XXI, os desafios formativos dos professores são potencializados pelas exigências éticas, políticas e epistemológicas de um ensino que se pretende democrático, plural e emancipatório. Assim, a formação inicial e continuada dos docentes deve ser pensada à luz das demandas da inclusão, compreendida não apenas como acesso, mas como pertencimento e participação ativa de todos os estudantes no processo educativo, sobretudo daqueles que historicamente foram marginalizados pelas estruturas escolares tradicionais.

De acordo com Mantoan (2003), a inclusão não se resume a inserir o aluno com deficiência em uma escola regular, mas requer uma reorganização das práticas pedagógicas, currículos, metodologias e relações institucionais, para que sejam significativas e eficazes para todos. A autora aponta que “a escola inclusiva é aquela que reconhece a diversidade humana como parte da condição de ensinar e aprender” (Mantoan, 2003, p. 34). Portanto, os professores precisam desenvolver uma postura reflexiva, investigativa e aberta ao diálogo com os saberes dos alunos e com os contextos sociais e culturais em que estão inseridos.

No campo das práticas pedagógicas inclusivas, observa-se que muitas vezes há uma lacuna entre os discursos legais e os contextos reais de ensino. Embora o ordenamento jurídico brasileiro, a partir da Constituição de 1988, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) e da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), estabeleça os direitos à educação de qualidade para todos, inclusive para pessoas com deficiência, os espaços escolares ainda enfrentam dificuldades para implementar ações efetivas de inclusão. Tal fato se relaciona com a formação deficiente dos professores no que se refere à educação especial, à diversidade linguística e cultural, e ao uso de tecnologias assistivas e estratégias pedagógicas diferenciadas.

Os cursos de licenciatura, em muitos casos, continuam pautados em modelos tradicionais de ensino, com pouco diálogo com as práticas inclusivas e com as narrativas contemporâneas que emergem dos múltiplos meios de comunicação e produção cultural. Como destacam Soares e Soares (2021), “a formação docente precisa ir além do ensino de conteúdos disciplinares e envolver uma compreensão crítica sobre a diferença, a equidade e os direitos humanos, integrando saberes pedagógicos, epistemológicos e culturais” (Soares e Soares, 2021, p. 85). Essa formação deve ser concebida como um processo contínuo, que envolva espaços de escuta, experimentação e ressignificação das práticas pedagógicas, com base em uma ética da alteridade e da responsabilidade para com o outro.

Nesse sentido, a cultura de massa e as mídias digitais do século XXI constituem-se como elementos fundamentais para a construção de práticas pedagógicas inclusivas. Elas oferecem recursos narrativos, estéticos e simbólicos que possibilitam a reelaboração de identidades, o acesso à informação e a constituição de comunidades de sentido e pertencimento. Conforme aponta Santaella (2013), as novas mídias provocam uma expansão do universo comunicacional e cognitivo, exigindo dos educadores uma sensibilidade para o uso dessas tecnologias como aliadas no processo de inclusão escolar. Assim, práticas que incorporam vídeos em Libras, podcasts acessíveis, livros digitais com recursos multissensoriais, redes sociais educativas e jogos interativos tornam-se estratégias valiosas para envolver os estudantes e respeitar suas formas particulares de aprender e expressar-se.

Ademais, é fundamental considerar a dimensão subjetiva do trabalho docente na construção de uma escola inclusiva. Os professores não são meros executores de políticas públicas, mas sujeitos históricos que atuam em condições concretas de possibilidades, enfrentando dilemas, contradições e resistências. Para Tardif (2002), o saber docente é um saber experiencial, construído no cotidiano da profissão e articulado a múltiplas fontes de conhecimento: formação acadêmica, prática profissional, cultura escolar e experiências

peçoais. A valorização desse saber implica reconhecer o professor como protagonista na produção de estratégias inclusivas, capaz de adaptar o currículo, dialogar com os alunos e suas famílias, trabalhar colaborativamente com outros profissionais da escola e refletir criticamente sobre sua própria prática.

O Quadro 2 a seguir ilustra os principais componentes que devem ser considerados na formação docente para práticas pedagógicas inclusivas, segundo diferentes dimensões:

Quadro 2 – Componentes da Formação Docente para Práticas Pedagógicas Inclusivas

Dimensão	Componentes Essenciais
Epistemológica	Conhecimento sobre as teorias da aprendizagem, diversidade humana e inclusão escolar.
Pedagógica	Domínio de metodologias ativas, avaliação formativa, ensino colaborativo e adaptado.
Cultural	Compreensão das narrativas midiáticas, literárias e culturais que compõem a identidade do aluno.
Tecnológica	Uso de tecnologias assistivas, recursos digitais e mídias inclusivas.
Ética e Política	Compromisso com os direitos humanos, equidade, justiça social e combate à exclusão.
Reflexiva e Crítica	Postura investigativa, autorreflexiva e aberta à transformação das práticas escolares.

Fonte: Elaborada pelos autores.

A concretização de práticas pedagógicas inclusivas requer, portanto, um movimento formativo que perpassa não apenas os espaços institucionais de formação docente, mas também as vivências, as redes colaborativas e as interações culturais em que os professores estão inseridos. As narrativas da cultura de massa e as mídias do século XXI não podem ser tratadas como ameaças à educação, mas como instrumentos potentes de democratização do saber e de produção de significados compartilhados. Em um cenário de profundas transformações sociais e culturais, marcado por disputas simbólicas, desinformação e exclusão digital, o professor precisa assumir o papel de mediador crítico entre os múltiplos letramentos que atravessam o cotidiano escolar e as exigências de uma educação comprometida com a cidadania plena e a inclusão.

Assim, a formação docente deve ser concebida como um processo político-pedagógico que visa à emancipação dos sujeitos e à construção de uma sociedade mais justa e igualitária. É imprescindível que os programas de formação, tanto inicial quanto continuada, promovam o engajamento dos educadores com os princípios da educação inclusiva, articulando teoria e prática, conhecimento técnico e sensibilidade ética, compromisso social e protagonismo profissional.

Conclusão

A integração efetiva de práticas educacionais inclusivas nas escolas brasileiras exige uma profunda transformação na abordagem da formação de professores, abrangendo tanto a preparação inicial quanto a formação continuada. Este artigo examina a importância crucial de envolver ativamente todos os alunos em atividades educacionais, em vez de apenas atender às necessidades de cada aluno individualmente. Essa abordagem representa uma reforma abrangente de natureza ética, epistemológica e educacional. Dada a crescente proeminência das mídias digitais e o valor atribuído às narrativas multimodais, especialmente em Libras, é essencial que a formação de professores esteja alinhada aos avanços culturais e linguísticos do século XXI.

O uso de recursos tecnológicos, a valorização das línguas de sinais como instrumentos legítimos de instrução e expressão literária, bem como a atenção à diversidade cultural e linguística dos alunos, são aspectos que devem ser incorporados aos currículos de formação docente. Além disso, a escuta sensível, a reflexão crítica e o compromisso político com a equidade constituem pilares fundamentais para uma atuação pedagógica que não apenas inclua, mas que também emancipe os sujeitos historicamente silenciados.

A presença cada vez mais significativa de narrativas literárias em Libras nas práticas escolares aponta para a emergência de novos paradigmas educativos, em que o corpo, o gesto e a visualidade são reconhecidos como formas plenas de linguagem. Essa mudança paradigmática só será efetiva se o professor for compreendido como agente de transformação, dotado de saberes plurais e capaz de integrar cultura, tecnologia e ética em sua prática cotidiana.

Portanto, é imperativo que as políticas educacionais invistam na formação de professores bilíngues, na produção de materiais acessíveis e na criação de espaços pedagógicos inclusivos. A construção de uma escola verdadeiramente inclusiva passa pelo reconhecimento da diversidade como valor e pela formação de profissionais conscientes de seu papel na promoção de uma educação humanizadora, plural e comprometida com a justiça social.

Referências

BASSO, Sabrina Pereira Soares. *O material didático para alunos surdos: a literatura infantil em libras*. 2011. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, 2011.

BAUMAN, H.-D. *Open your eyes: Deaf studies talking*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC, 2005. Disponível:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm.

Acesso em: 20 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e

bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 20 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2025.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 4 ago. 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14191.htm. Acesso em: 20 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília, DF: MEC, 2008.

FERNANDES, Eliana Albuquerque. *A pedagogia da diferença: A educação de surdos e a formação de professores*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FERNANDES, Eliana Albuquerque. *Linguagem literária em Libras: expressividade, visualidade e poética*. São Paulo: Cortez, 2018.

FERNANDES, Sueli; SILVA, Ilza de Oliveira. Narrativas visuais em Libras: gramática e semântica do espaço. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 23, n. 1, p. 85-98, jan./mar. 2017.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *Línguas de Sinais e práticas culturais: interfaces entre educação e identidade surda*. Campinas: Mercado de Letras, 2021.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. O ensino de língua portuguesa como segunda língua para surdos: reflexões sobre práticas pedagógicas. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 33, n. 89, p. 61-79, jan./abr. 2013.

LIMA, Renata de Souza; PEREIRA, Ana Paula. Literatura infantil bilíngue no Brasil: desafios e perspectivas. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 20, n. 2, p. 65-76, 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

MIGUEL, Luis dos Santos. *Libras e Design: interfaces de uma cultura visual*. 2023. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2023.

MOURA, Maria Cecília de. *Educação de surdos e letramento visual: práticas pedagógicas em contextos bilíngues*. Curitiba: CRV, 2020.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do; MAGALHÃES, Milva Alves. O equilíbrio de opostos em Tenda dos Milagres (1977): análise da linguagem cinematográfica nos diálogos, na música e narrativa visual. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 156–192, 2025. DOI: 10.35355/revistafenix.v22i1.1539. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/1539>. Acesso em: 25 jul. 2025.

OLIVEIRA, Carmen Elisabete de. *Literatura surda infantil: uma via para além do silêncio*. 2019. 209 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2019.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir. *Línguas de Sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; SCHMIEDT, Magali L. *Ideias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA, Emanuel Everton Grangeiro da. *Contribuições de tecnologias digitais como interfaces alternativas no ensino de libras para ouvintes*. 2023. 75 f. Monografia (Licenciatura em Letras Libras) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2023.

SILVA, Rafael Carlos Lima da. *Ensino de Libras: conhecimento linguístico e saber didático*. Trem de Letras, [S. l.], v. 8, n. 1, p. e021012, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/1361>. Acesso em: 25 jul. 2025.

SILVA, Taynan Alécio de. *A formação da identidade do indivíduo surdo: considerações sobre a importância da cultura surda*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2024

SKLIAR, C. *Educação e exclusão: abordagens sociológicas e pedagógicas em contextos de diferença*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SKLIAR, Carlos. (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOARES, Vitória Dietrich,; SOARES, Natalia Aparecida. FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE X EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES. *Investigações em Ensino de Ciências*, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 113–126, 2021. DOI: 10.22600/1518-8795.ienci2021v26n2p113. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/2397>. Acesso em: 25 jul. 2025.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 2. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VALES, Lucila dos Santos. *UM OLHAR PARA AS NARRATIVAS INFANTIS DE CRIANÇAS SURDAS DE ESCOLAS BILÍNGUES A PARTIR DA TEORIA DIALÓGICO-DISCURSIVA BAKHTINIANA*. 2024. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Data de submissão: 25/07/2025

Data de aceite: 22/09/2025